

J. MATTOSO CÂMARA JR
INTRODUTOR DE UM PARADIGMA LINGÜÍSTICO

Yonne Leite (UFRJ)

SAUDADES DE MATTOSO CÂMARA

Este Congresso Internacional de Língua Portuguesa, que hoje se inicia, comemorativo do 60º aniversário da Academia Brasileira de Filologia e do centenário de nascimento de Joaquim Mattoso Câmara Jr., (nascido em 13 de abril de 1904 e morto em 4 de fevereiro de 1970), vem saldar uma dívida da comunidade lingüística para com aquele que foi o idealizador da Associação que hoje nos congrega, o introdutor do novo paradigma que então dominava a cena científica, o estruturalismo, o incentivador dos estudos de línguas indígenas, homem de muitos títulos, muitas luzes, vasta e variada produção científica, reconhecida internacionalmente. Doutor, livre-docente, jamais chegou a Professor-Catedrático. Fundador da Associação Brasileira de Lingüística jamais almejou ser dela Presidente. Mas foi para todos aqueles que tiveram a oportunidade de assistir às suas aulas o professor-perfeito, o mestre jamais esquecido.

Privei com o professor Mattoso Câmara durante os dez últimos anos de sua vida. Um convívio diário no Setor de Lingüística do Museu Nacional, do qual foi o mentor. Dele herdei a sala e a mesa de trabalho, a cadeira giratória, as estantes e guardei na memória os ensinamentos e o exemplo, o desejo de sempre querer saber mais, a vontade de sempre ler mais. Gostaria imensamente de ter herdado também o espírito lúcido, a clareza da exposição e o amor ao trabalho. Um amor tão grande que a tudo perpassava, que conseguiu transformar a tediosa insípida tarefa de correção de redações do curso secundário num momento de pesquisa e de criação, detectando nos erros das redações dos alunos as tendências da evolução do Português (Câmara Jr., 1957).

Antecipou-se, pois, à prática moderna, que tornou corpo e vigor com Victoria Fromkin (1971), de procurar, em erros e lapsos, evidências empíricas externas à análise apresentada, por permitir acessar indiretamente, a gramática internalizada pelo falante e, assim, oferecer argumentos robustos para confirmar ou infirmar a hipótese apresentada.

Creio que a maior homenagem que posso prestar ao Professor Mattoso Câmara é avaliar a parte de sua obra que me é mais conhecida – a fonologia – para ver o que nele permanece, o que mudou e assim pesar o aquilatar melhor sua grandeza.

PARA O ESTUDO DA FONÊMICA PORTUGUESA
E SUA INFLUÊNCIA NOS ESTUDOS POSTERIORES

Em 1953 a Organização Simões publica em sua Coleção Rex um pequeno livrinho intitulado *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa* da autoria de J. Mattoso Câmara Jr. Ouçamos um pouco o que ele nos diz em sua Nota Prévia:

Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa foi a tese com que obtive o grau de Doutor em Letras Clássicas na Faculdade Nacional de Filosofia em 1949. Apresentei, então, à Faculdade 5 exemplares datilografados apenas. Mais tarde publiquei no Boletim de Filologia (ed. Dois Mundos, Rio) nos números 9 e 10 respectivamente, o terceiro capítulo Os Fonemas do Português que era a parte final e essencial da tese e o primeiro capítulo introdutório sobre Fonética e Fonêmica. Ambos despertaram algum interesse aqui e no estrangeiro, sendo que os Fonemas do Português mereceram resenha de Paul Garvin em *Studies in Linguistics* (SIL vol. 8, nº 4) e de Helmut Ludke no *Boletim de Filologia de Lisboa* (XII, 353) além de uma carta crítica de Antenor Nascentes. Julguei assim de bom alvitre aceitar o convite da Organização Simões para reuni-los em volume, o que aqui faço numa edição revista e um pouco ampliada. Deixei de lado o segundo capítulo sobre os Estudos Fonéticos em Português que versava matéria marginal e talvez ex-crescente. Em compensação ajuntei um terceiro capítulo, um estudo sobre A Rima na Poesia Brasileira, remodelando ligeiramente a tese inédita que apresentei no Primeiro Congresso da Língua Vernácula, organizado pela Academia Brasileira de Letras em homenagem ao Centenário de Rui Barbosa, porque esse trabalho é uma amostra das pesquisas que se pode fazer nas diretrizes dos princípios fonêmicos. (Camara Jr., 1953: 5-6)

Palavras introdutórias modestas para um livro que é um marco na história da lingüística brasileira. Não há um trabalho sobre fonologia do português do Brasil que não o use como referência fundamental. Citando aleatoriamente temos Lemle (1966), Head (1964), Pontes (1972); Cyr (1965), Rameh (1961) e mais outros que não cito para não me tornar cansativa. Cumpre assinalar que mesmo teses de doutorado que tratam da fonologia numa perspectiva experimental, como a de Matta Machado (1981), Cagliari (1977) e Moraes (1984), se apóiam na análise fonêmica de Mattoso Câmara para o delineamento das questões de que tratam.

Os motivos de tão ampla penetração residem no fato de ser esta a primeira análise da fonologia do português do Brasil feita por um falante brasileiro e também porque praticamente não há um único problema de fonologia do português que esteja sendo, ou tenha sido, estudado que não esteja abordado, tratado ou encaminhado em *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*: a interpretação das vogais nasais e da vibrante múltipla, as vogais pretônicas e postônicas, o alçamento das vogais pretônicas, a velarização do l, os graus de tonicidade do vocábulo e sua função delimitativa, a vogal anaptítica, as vogais assilábicas orais e nasais, a distribuição das chiantes.

Assim o alçamento das vogais pretônicas foi primeiramente retomado por Lemle (1974), com a finalidade de demonstrar que a diminuição da alomorfa nos paradigmas é um princípio mais forte para a regularização de formas do que a transparência das regras. É hoje tema de várias dissertações de mestrado e teses de doutorado, entre as quais destaco o trabalho seminal de Bisol (1981). Para as vogais nasais são inúmeros os trabalhos referentes não só ao português do Brasil quanto ao de Portugal. Não me alongarei em enumerar todos os trabalhos que de um modo ou de outro se reportam à análise de Mattoso Câmara porque a lista seria por demais grande. Dada à limitação de tempo, deter-me-ei em apenas um dos tópicos por ele tratado, aliás, um dos mais polêmicos: as vogais nasais.

O CÍRCULO LINGÜÍSTICO DE PRAGA E O ESTRUTURALISMO NORTE-AMERICANO

Antes de entrarmos nesse tópico, porém, se torna necessária uma caracterização mais ampla da teoria adotada por Mattoso Câmara. Ele foi adepto, talvez o único em nosso País, da fonologia do Círculo Lingüístico de Praga, cujos ensinamentos fora aprimorar nos Estados Unidos da América em 1943, com uma bolsa de estudos conferida pela Fundação Rockefeller. Foi aluno, tornando-se amigo, de Roman Jakobson. É essa fase de seu currículo acadêmico, esse período de maturação lingüística, que ele nos traduz em *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. E o faz com o ardor, o ímpeto, a minúcia, o gosto de demonstração daqueles que se ausentam à procura de novos conhecimentos e que querem partilhar o que aprenderam e o que foi cuidadosamente construído. Assim o quadro por ele apresentado do sistema vocálico é um exemplo de clareza de aplicação de uma teoria.

Parte das oposições em posição tônica, estabelecendo sete fonemas, que irão se neutralizar nas posições átonas em cinco arquifonemas na posição pretônica, quatro na posição postônica medial, três na posição postônica em final de palavra. A realização dos arquifonemas irá depender dos dialetos regionais, sendo que na posição pretônica a regra de alçamento das vogais médias tornará os contrastes entre /i/ : /e/, /u/ : /o/ pouco produtivos. As descrições fonológicas estruturalistas que se sucederam à análise de Mattoso Câmara não usaram o processo da neutralização por seguirem o modelo americano pikeano, estritamente distribucional, introduzido entre nós pelo *Summer Institute of Linguistics*. Esse trata o contraste das vogais sem levar em consideração a tonicidade ou atonicidade das vogais. Se ganharmos em alguns casos em conhecimento factual, muito perdemos na síntese e na visão holística.

Infelizmente a linha de análise fonológica que irá vencer em nosso País não será a de Mattoso Câmara, mas, sim, a do estruturalismo distribucional norte-americano, a análise concreta do “uma vez fonema sempre fonema”, em que as condições de bi-univocidade, determinação local, invariança e linearidade serão rigidamente obedecidas. Disse que me deteria em uma de suas análises e as escolhi, como disse por serem as mais discutidas e polêmicas: a análise das vogais nasais.

AS VOGAIS NASAIS

As análises do português se dividem em aquelas que as consideram as vogais nasais fonêmicas (Pontes (*op.cit*), Hall (1943), Head (*op cit*), Rameh (*op. cit.*), Leite (1974)) e as que as consideram não-fonêmicas (Câmara Jr., Lemle (*op. cit.*) Reed e Leite (1956), Moraes Barbosa (1962), Mira-Mateus (1982).

Segundo uma visão estruturalista concreta, tal como o faz Back (1973), o problema poderia se resumir à uma questão de acuidade fonética, isto é, se reduziria à indagação da existência ou não de um incremento consonântico nasal em final de palavras, como *lã* e *fim*, ou antecedendo outras consoantes, como em *lâmpada*, *manta* e *manga*. Para Back,

A língua é falada para ser ouvida pelos outros. Aquilo que os falantes não ouvem, simplesmente, não existe em seu código lingüístico, portanto não é elemento da língua e não interessa ao lingüista, embora possa interessar a um foneticista, à Física Acústica (Back, 1973: 317).

Mattoso Câmara, porém, usa argumentos de outra natureza, tornando a questão muito mais complexa do que a audição ou a presença ou não de um *glide* consonântico. É ele quem inaugura a linha de apresentar argumentos intra-sistêmicos para referendar sua análise. Assim considera as vogais nasais como vogais orais seguidas de um arquifonema consonântico nasal, sendo a natureza nasalizada da vogal decorrente da consoante nasal que lhe trava a sílaba. Como argumentos de que uma vogal nasal funciona como se fosse travada por uma consoante apresenta a não-ocorrência da vibrante simples após vogal nasalizada e a refração à crase entre vogal nasal e outra vogal seguinte. Mesmo que um *glide* consonantal não ocorra o sistema funciona como se ela ocorresse. Isso torna a representação fonológica muito mais abstrata do

que o permitido pelas premissas da fonêmica estruturalistas. Mattoso Câmara inova também aqui e não é de espantar que tenha tido tantos oponentes nas análises estruturalistas posteriores.

Nas análises pós-Mattoso Câmara a questão passa a ser rebater ou endossar a argumentação acima citada e, admitida a existência do *glide* consonantal, debate-se sua interpretação. Pontes (*op. cit.*) os considera alofones das vogais nasais, Lemle (1966), das consoantes nasais e Hall (1943), das consoantes não-nasais. Tem-se, assim, um claro exemplo do que Chomsky chama fonêmica taxinômica.

Um passo à frente também dado por Mattoso Câmara foi o de avaliar as conseqüências de sua análise em outros domínios da língua. Assim reinterpreta a rima entre vogal oral e vogal nasal como sendo uma rima imperfeita e não, toante, como a caracteriza Celso Cunha.

O MODELO GERATIVISTA: UM NOVO PARADIGMA

Das análises estruturalistas propostas a única que ameaça seriamente o arcabouço de Câmara é a de Pontes, pois ela apresenta um par mínimo, caminha “verbo caminhar” e caminha, “diminutivo de cama”, em que a vogal oral seguida de consoante nasal contrasta com a vogal nasal seguida de consoante nasal, contraste esse que a análise de Mattoso Câmara não dá conta, ou o dá de modo inadequado.

Mattoso Câmara presenciou a ascensão do novo paradigma que começara a despontar na mesma década em que foi publicado o Para o estudo da fonêmica portuguesa. Nesse novo paradigma o estudo da linguagem deixava o âmbito das ciências sociais, que via a língua como um invólucro da cultura e se tornava uma aliada da psicologia experimental. Embora se possa duvidar que a teoria das revoluções científicas e do rompimento radical com as teorias anteriores, tal como proposta por Kuhn em A estrutura das revoluções científicas (1964), se aplique às ciências sociais e à lingüística, uma vez que as teorias e metodologias anteriores permanecem, o clima de quase guerra que o gerativismo causou nas hostes estruturalistas só se iguala à guerra travada ao despontar do estruturalismo. Mattoso Câmara encontrou guarida para suas idéias entre os antropólogos do Museu Nacional, que se afastavam então corrente do culturalismo norte-americano e se voltavam para a antropologia social inglesa, e, mais ainda, para o atraente e elegante estruturalismo francês de Lévi-Strauss. O diálogo com os antropólogos fluía suavemente muito mais do que com seus colegas filólogos ou com os duramente chamados “gramáticos normativos”. Podemos dizer que no Brasil a lingüística se difundiu primeiro entre os cientistas sociais que tinham em Lévi-Strauss um inspirador. Colega de Mattoso Câmara em Nova Iorque nos anos 40 e, como este, aluno de Roman Jakobson, Lévi Strauss se encantou com a metodologia lingüística para a depreensão, na diversidade da fala, de uma unidade discreta e abstrata – o fonema—e sua definição como sendo constituída de um feixe de traços distintivos. Em seu artigo “A análise estrutural em lingüística e antropologia” (Lévi-Strauss, 1969) coloca a lingüística, principalmente a fonologia, como uma ciência primeira pela depreensão de uma unidade (o fonema) do contínuo e sua decomposição em seus elementos constitutivos, (os traços distintivos) ao lado da Física Nuclear, pelo isolamento do átomo e sua decomposição em nêutrons, prótons e elétrons.

É fácil entender o repúdio de Mattoso Câmara ao novo paradigma que se iniciava, o gerativismo, que deixava o campo das ciências sociais e ingressava no das ciências cognitivas. Porém, com um pouco mais de tempo, teria podido constatar os pontos mais controvertidos e atacados de sua análise encontravam na nova teoria uma melhor guarida para seu pensamento do que entre seus pares.

A fonologia é, no modelo estruturalista, uma teoria de representações. Já o novo modelo que surge a fonologia une representações, muito próximas a formas morfofonêmicas, e regras ordenadas ciclicamente, que levam em conta informações morfológicas. Têm-se aí os meios necessários para contornar o contra-exemplo dado por Pontes. Basta usar a aplicação cíclica de regras, admitindo-se a informação morfológica e limitar a nasalização da vogal à posição tônica, como o fez Perini (1971). Desse modo na forma diminutiva, que se considera um processo de

composição, no primeiro ciclo ter-se-ia a acentuação de N[[cama]N+inha]N recaindo no primeiro a da raiz. Este acento condiciona a nasalização do a de caminha “diminutivo de cama”. Já em [caminh+a]V, do verbo “caminhar”, o a não seria acentuado e não se nasalizaria. Todas as análises gerativas do português, menos as de Leite (*op. cit.*) e de Maria Bernadete Abaurre-Gnerre (*op. cit.*) consideram a vogal nasal como não-fonêmica.

O PLURAL DOS NOMES TERMINADOS EM ÃO

A coincidência entre alguns pontos das propostas de Mattoso Câmara e a teoria gerativista se torna mais patente se lembrarmos o seu artigo “A Note on Portuguese Noun Morphology” (1967). As palavras terminadas em *ão* são aí analisadas como “padrões” em que se combinam classes morfológicas e estruturas fonológicas, padrões esses de onde se produziriam as formas de superfície singulares e plurais. O mecanismo é de estabelecer a forma padrão com base no plural. Assim para *leão*: *leões* tem-se o padrão *leõe*, fonologicamente *leon*. O que falta à análise de Mattoso Câmara são regras que convertam essas representações abstratas em formas fonéticas. Os padrões e representações fonológicas propostos por Mattoso Câmara são muito parecidos às representações subjacentes nos trabalhos de Hensey (1968), St. Clair (1971), Brasington (1971) e Mira Mateus (*op. cit.*), análises baseadas na metodologia gerativista.

No espaço de tempo que me é reservado não posso me alongar mais. Creio que já demonstrei que o pensamento fonológico de Mattoso Câmara suscita polêmica. Ora criticado acerbamente, ora adotado ou reabilitado, ora servindo de inspiração, sua obra mantém vivo entre nós o seu Autor e é uma demonstração da perenidade que confere a vida acadêmica quando ela é exercida com retidão, honestidade e coragem, como o fez o poeta, arquiteto advogado, mas acima de tudo professor, o inesquecível mestre Joaquim Mattoso Câmara Jr., aqui hoje homenageado com muito carinho e muita saudade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Alguns casos de formação de plural em português: uma abordagem natural. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* n. 5, p.127-156, 1983.
- BACK, E. São fonemas as vogais nasais do Português? *Construtura* ano 1 n. 4, p. 297-318, 1973.
- BISOL, Leda. *Harmonização Vocálica*. 1981. Tese (Doutorado), Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.
- BRASINGTON, R.W.P. Noun pluralization in Brazilian Portuguese. *Journal of Linguistics*, v.7, n. 2, p.151-177, 1972.
- CAGLIARI, L. C. *An Experimental Study of Nasality with particular reference to Brazilian Portuguese*. (1977) Thesis (Ph.D), University of Edinburgh, Edinburg, 1977.
- CYR, J. J. *Some Intonational Features of Brazilian Portuguese*. (1965). Dissertação (MA). University of Texas at Austin, Texas, 1965.
- FROMKIN, V. The Non Anomalous Nature of Anomalous Utterances. *Language* v. 47, n.1, p. 27-52, 1971.
- HALL Jr. R. A. The units phonemes of Brazilian Portuguese. *Studies in Linguistics I* n.15, p.1-16, 1943.
- HEAD, B. *A Comparison of the Segmental Phonology of Lisbon and Rio de Janeiro*. (1964). Dissertation (Ph.D.), University of Texas at Austin, Texas. 1964.
- HENSEY, F. Questões de fonologia gerativa: as regras de pluralização. *Estudos Lingüísticos* n. 3, São Paulo, p.1-10,1968.

- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1975[1962].
- LEITE, Y. F. de. *Portuguese stress and related rules*. 1974. Dissertation (Ph.D.), University of Texas at Austin, Texas, 1974.
- LEMLE, M.. *Phonemic System of the Portuguese of Rio de Janeiro*, 1966. Thesis (MA), University of Pensilvania, Pensilvania, 1966
- . Analogia na Morfologia: estudo de um caso. *Revista Brasileira de Lingüística*, ano I, n. 1, p.16-21,1974.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural*. Tradução de Chaim Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- MATTA MACHADO, M. T. da. *Étude articulatoire et acoustique des voyelles nasales du portugais de Rio de Janeiro*. 1981. Thèse (Doctorat). Université de Strasbourg, Strasbourg, França, 1981.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. Imperfect Rhymes in Brazilian Poetry. *Word* v. 2: n.1, p.131-135, 1946.
- . *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Edições Simões, 1953.
- . Erros escolares como sintomas de tendências lingüísticas no português do Rio de Janeiro, *Romanistiches Jahrburg*, v. 8, p. 279-86,1957.
- . A Note in Portuguese Morphology. **In:** *To honor Roman Jakobson. Essays on the occasion of his seventieth birthday*. p. 1311-4, The Hague, Mouton, 1967.
- MIRA MATEUS, M. H. *Aspectos da fonologia portuguesa*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, 2ª edição, 1982.
- MORAES, J. A. *Recherches sur l'Intonation Modale du Portugais Brésilien parlé à Rio de Janeiro*. 1984. Thèse (Doctorat), Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris, 1984.
- MORAES BARBOSA, J. Les voyelles nasales portugaises: interprétation phonologique. *Proceedings of the Fourth International Congress of Phonetic Sciences*. (Helsinki 1961). p. 691-708, The Hague: Mouton: 1962.
- PERINI, M. A. *The Process of Nasalization: evidence from Portuguese*, 1973, ms.
- PONTES, E. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- RAMEH, C. *Contrastive Analysis of Portuguese Intonation*. Dissertação (Mestrado) Universidade de Georgetown, Washington, 1961.
- REED, W. D. LEITE, Y, The segmental phonemes of Brazilian Portuguese: Standard Paulista Dialect. **In:** PIKE, Kenneth. *Phonemics: a technique for reducing language to writing*. p. 194-201, Ann Arbor: The University of Michigan Press, 5ª edição, 1956.
- SAINT CLAIR, R.N. The Portuguese Plural Formation. *Linguistics* n. 68, p. 90-102. 1971.